



Revista da Extensão

UNIFAMMA

Centro Universitário

MORTE: UM TEMA PARA SER ABORDADO NA INFÂNCIA E NO CONTEXTO ESCOLAR

Betânia Alves Firmino¹

Érica Alves Firmino²

Francielle Pitelli Sabatine³

Introdução

O objetivo desse trabalho é discutir a importância de se trabalhar a temática da morte para crianças dentro do contexto escolar. Falar sobre morte é possibilitar aos pequenos a compreensão das perdas, da finitude da vida e elaboração do luto e, para tanto, a clareza e a simplicidade podem ser uma saída para um tema, que de certo modo, também nos atravessa. Costa (2012) enfatiza que a comunicação sobre o tema da morte com crianças deve ser honesta e respeitosa.

Para o autor, é preciso levar em consideração o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças e como cada período da infância percebe e entende a morte. Destaca, ainda, a importância do adulto não silenciar quando forem questionados pelas crianças, por isso, é imprescindível que o adulto também trabalhe essa temática consigo mesmo, para então, estabelecer uma comunicação clara e instrutiva.

Ao longo dessa pesquisa, o leitor encontrará a literatura e a biblioterapia como ferramentas para o manejo desta temática, dada a sua importância no desenvolvimento a partir do seu acesso ao mundo particular, criativo, imaginativo e lúdico da criança.

Ressaltamos que essa pesquisa foi desenvolvida dentro da disciplina do Projeto integrador do curso de psicologia no ano de 2021. Na ocasião organizamos um evento online para a comunidade externa e acadêmica, com as profissionais

¹ Biblioterapeuta pela Instituição: Observatório do Livro e da Leitura e graduanda do curso de Psicologia. terapiacomlivros4@gmail.com

² Graduanda do curso de Psicologia. betaniafirmino85@gmail.com

³ Professora Me. do curso de psicologia do Centro Universitário Metropolitano de Maringá. francielle.sabatine@unifamma.edu.br

especializadas, Dr^a Lúcia Cecília da Silva, Me. Inez Helena Garcia e a escritora Sinhara Garcia, sob a orientação da professora Me. Francielle Pitelli Sabatine, para discutir a temática da morte dentro do espaço escolar.

Foi um momento peculiar, marcado pela pandemia da Covid-19, onde encontrávamos isolados socialmente e expostos a temática da morte constantemente, tendo em vista o número expressivo de pessoas que morreram em virtude desse vírus.

1. MARCO TEÓRICO

1.1. O desenvolvimento humano e a morte

Durante a pandemia da Covid-19, ficamos mais do que nunca expostos diante da morte. As perdas e os próprios noticiários impõem uma realidade que nenhum de nós estávamos preparados para lidar.

Diante do cenário no qual vivemos, assistindo a tantas mortes a cada dia, em todo e qualquer lugar, esta deixa de ser uma questão isolada e individual e passa a ser coletiva, para adultos, velhos, jovens e crianças. Não resta dúvida de que todos nós nos sentimos vulneráveis. (Dantas, 2020, p.20)

Para Dantas (2020), há uma urgência em entender que olhar para morte é estar diariamente em contato com a vida, já que esta sobrevirá sobre todo ser vivente, das plantas aos seres humanos. Nesse sentido, Kovács (1992) afirma que compreender a morte é, também, compreender o próprio desenvolvimento humano e continua, “A arte de morrer é tão importante como arte de viver.” (p.28). Apropriar-se do conceito da morte possibilitou a tomada de consciência da mortalidade, e esse foi um processo importante que libertou o homem na medida em que ele percebe a sua universalidade (vem para todo ser vivo), a não funcionalidade (perda das funções vitais) e a sua irreversibilidade (percepção de que não voltamos mais a vida). Mas, de certo modo, o homem resiste à morte.

Desde todos os tempos em busca da imortalidade, o homem desafia e tenta vencer a morte. Nos mitos e lendas essa atitude é simbolizada pela morte do dragão ou monstro. Os heróis podem conseguir tal façanha mas os mortais não. E o homem é um ser mortal, cuja principal característica é a consciência de sua finitude - isso o diferencia dos animais, que não têm essa consciência (Kovács, 1992, p.02).

Essa negação surge a princípio no imaginário infantil, as crianças se valem de representações simbólicas dos heróis imortais, o que dificulta, por exemplo, a compreensão da irreversibilidade da morte. Já na fase adulta, continua o autor, podemos observar esse desejo pela imortalidade de maneira subjetiva, na busca por tratamentos infinitos para manter uma aparência mais jovem, como burlar, de alguma maneira, o fim, ainda que não seja possível prever dia e hora.

Segundo Paiva (2011), diante da morte a humanidade construiu suas ideias na busca de esclarecer aquilo que é um campo obscuro e cheio de representatividade. As ideias de céu e inferno, castigo e recompensa, colocou-nos frente a angústia e o medo do desconhecido, mas também contribui para nos apropriarmos dela como parte do nosso existir, para tal, criamos símbolos, ritos, crenças, sendo a religião a ferramenta por onde esses se manifestam.

Pois bem, mais uma vez questiono: Qual é o espaço da morte em nossa vida? Existe um espaço específico para a morte? Quem é o responsável para trabalhar com a morte? Existe algum preparo para enfrentá-la? Particularmente, acredito que a morte está na vida, em todos os lugares, a qualquer momento, enquanto realidade ou possibilidade, ou lembrança, ou manifestação de perdas, ou ausência, ou... ou... ou (Paiva, 2011, p.20).

Kovács (1992), em seu livro *Morte e o desenvolvimento Humano*, traz uma explanação sobre como o homem se relaciona com a morte de forma cultural, histórica e social. Na era medieval existia o conceito de morte domada, quando o homem tinha conhecimento de sua própria morte e a aguardava. Em torno dessa espera, eram feitos rituais de despedida, estando presente alguns convidados, dando ao moribundo um lugar de honra por passar por esse processo de forma assistida. Morrer repentinamente era uma desonra. No século XIX, na sociedade ocidental, a morte era considerada um processo natural e aceitável.

A morte foi colocada pela humanidade, muitas vezes como inimiga, continua o autor, porque ela afeta o nosso desejo subjetivo da imortalidade, o que levou muitos a acreditarem e buscarem por fontes da juventude, fórmulas mágicas, menu dos deuses, até práticas de sacrifícios de animais e o canibalismo, no intuito de incorporar os elementos vitais do corpo morto.

Segundo Kovács (1992), em torno do cadáver existia o medo, que este morto voltaria para fazer algum mau aos vivos, perturbando-os ou transmitindo doenças na decomposição ou na manipulação do corpo na preparação da cremação. Os rituais

de luto tinham o intuito de purificação caso a pessoa que teve o contato com o morto tenha se contaminado com alguma doença.

Em algumas culturas, como na ocidental, destaca o autor, usava-se cores no luto, o preto por exemplo, era um disfarce contra o espírito do morto. Já em outro momento, tornou-se um símbolo de demonstração de tristeza, para referenciar a pessoa enlutada, de que ela precisava ser cuidada. A sociedade, ao longo da história, construiu sobre a morte lendas, folclores, mitos, fantasias e crenças. Ainda nos dias atuais, falar sobre a morte pode ser desconfortável e difícil.

Para Silva et al. (2020), em nossa sociedade atual, há uma imposição de que devemos negar tudo que, de certo modo, mobiliza sentimentos e emoções indesejáveis, para que a busca da felicidade plena e da vida ideal, não sejam perturbadas.

Assim, continua o autor, o conhecimento coloca o ser humano frente a realidade da naturalidade da morte. Somente diante dessa compreensão de que a morte é um fenômeno natural da vida, será possível, então, acolher a variabilidade de compreensão de cada criança na primeira infância, olhando para seu contexto, emocional e cognitivo. Não significa banalizar a morte, mas dar a ela sua devida importância no campo do desenvolvimento humano, conduzindo os pequenos num terreno delicado e fértil, frente aos desafios dos adultos, em especial dos educadores em tratar desta temática.

Creio ser importante repensar a morte na formação do indivíduo. Refletindo sobre o fato de que a morte faz parte da vida, é necessário preparar o ser humano para a morte desde sua infância. Entretanto, o que mais percebemos em nossa sociedade é que não se fala de morte com as crianças. Para alguns, pode parecer um tanto mórbido ou mesmo cruel, mas não consigo imaginar um trabalho sobre a morte sem a elaboração da vida que nela se encerra. Para isso, é necessário que se pense na morte e que se fale sobre ela. Dessa forma, acredito ser possível preparar o indivíduo para que viva a vida em sua plenitude e, assim, talvez, não sinta tanta necessidade de fugir da morte. (Paiva, 2011, p.25)

1.2. Desenvolvimento infantil e a compreensão da morte.

De acordo com Brun (2003), entrar no universo infantil é saber que estamos adentrando num mundo cheio de imaginação, dotado de representações, e linguagens próprias, que precisam ser respeitadas e compreendidas. A criança não é apenas imaginativa, ela é curiosa, atenta e percebe de forma intensa as nossas expressões e emoções, ainda que muitas vezes não saibam nomeá-las.

Para a autora, falar de morte com crianças é educa-las para a vida, leva-las ao cuidado de si e do outro. Contudo, é curioso o fato do adulto, geralmente, ter dificuldade em falar sobre a morte com as crianças, talvez com o intuito de poupa-las, considerando-as, por vezes, sem capacidade de compreensão, deixando-as frente a um silêncio, que pode ter consequências. A mente imaginativa da criança, frente a uma situação não esclarecida, pode leva-la a construir pensamentos confusos, irreais e um sofrimento infinitamente maior.

Brun (2003) assinala que a objeção está no adulto, é a expressão de uma censura que incide sobre a ambivalência dos sentimentos, priva os pais de autenticidade, coloca-os frente a um tabu que ainda pesa sobre a morte, que já “pesou” (e ainda pesa) sobre a sexualidade.

Já para Costa (2012), o nosso desejo de proteger as crianças do sofrimento as impedem de expressar suas emoções, dificultando a resiliência que a experiência os pode proporcionar. Mas, os adultos devem ter o papel de acolhimento da dor, não de negação ou ocultação, assumindo um papel de facilitador no desenvolvimento de suas competências adequadas para reconhecer, expressar e lidar com as emoções que surgirem.

As crianças expressam a sua angústia se os familiares, os amigos e os docentes estiverem predispostos para as ouvir, ou mesmo atentos para uma eventual comunicação não verbal, através da exteriorização de comportamentos ou linguagem corporal (Costa, 2012, p.14).

Segundo Silva et al. (2020), as crianças têm capacidade de brincar com a morte, falam com total liberdade, brincam com os amigos –, “você vai morrer”, “eu vou te matar”, “Mamãe se você morrer, você também vai virar, estrelinha?” – . Esses comportamentos, não as isenta de sentir suas perdas e passar por luto, apenas demonstra que estamos diante de um quadro em branco que precisa ser pintado.

Silva et al. (2020) diz que mesmo crianças mais pequenas têm, efetivamente, concepções importantes sobre a morte, que estas não podem ser negligenciadas. Kovács (1992) concorda ao dizer que, “nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que esta não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada.” (p.03).

Para Silva et al. (2020), a dificuldade da perda e a compreensão da morte estão relacionadas a ausência do que foi perdido, ou seja, não tem como dizer quem sente mais a perda, crianças ou adultos, apenas as expressões são diferentes, e

quando a perda se refere a uma pessoa querida, ela é compreendida como a mais difícil das perdas.

É muito importante observar os comportamentos das crianças que estão vivendo o luto, pois este processo provoca mudanças fisiológicas, psicológicas, sociais e comportamentais. A criança pode demonstrar a percepção da ausência/ perda da sua mãe, por exemplo, perguntando –, “Quem vai me dar banho agora? ” ou “Quem vai fazer a minha comida?” –. Isso não diz apenas da sua angústia frente a essas necessidades, mas, também, expressa a dor da falta do afeto perdido, assinala a autora.

Paiva (2011), em *A arte de falar da morte para crianças*, descreve a compreensão cognitiva da criança a partir de uma leitura de Piaget. Vejamos. As crianças de 0-2 anos, estão no período *Sensório motor*, isso significa que ainda não têm a aquisição da linguagem. Assim, a morte é percebida com ausência e falta. A morte é experienciada tal qual a experiência do dormir e acordar. Já, as crianças de 3-5 anos, estão no período *Pré-operatório*, e entendem a morte como sendo temporária, passível de ser revertida, ou seja, morreu, mas logo pode retornar.

As crianças de 6-9 anos, que estão no período *Operacional*, já conseguem organizar o espaço e tempo, entendem a morte como um processo definitivo. Compreendem três fatores importantes da morte, a não-funcionalidade, irreversibilidade e inevitabilidade.

Ao compreender cada etapa do desenvolvimento infantil, destaca o autor, o adulto poderá dar o suporte necessário para que a criança possa simbolizar a morte da sua maneira.

1.3. A importância da escola no desenvolvimento socioemocional da criança.

Segundo Bronfenbrenner (2005/2011), a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois para ela este é um espaço de segurança, socialização e aprendizagem, e contribui diretamente para o seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

Para o autor, as primeiras interações sociais da criança ocorrem no contexto familiar, é nesse ambiente que inicia a aprendizagem de regras e conceitos que vão fundamentar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças. Diversos teóricos, como Winnicott, Klein e Piaget, destaca Bronfenbrenner

(2005/2011), assinalam a importância da interação da criança com seus primeiros cuidadores e que esses sejam figuras de afeto e segurança. Nesse aspecto, o professor da educação infantil dará continuidade a essa relação estabelecida com os pais.

As crianças ao iniciarem o período escolar, muitas vezes, passam mais tempo com seus professores do que com os pais, e isso é uma realidade contemporânea cada vez mais comum. O professor, assim como os pais, é uma referência para a criança, e “tem um papel fundamental como educador da criança não somente para ensiná-la, mas também para formá-la, representando, assim, um modelo de pessoa, de indivíduo para a criança.” Assim, o professor precisa estar atento e pronto a atender as necessidades da criança, sejam elas cognitivas, intelectivas, bem como as emocionais e psíquicas.

De acordo com pesquisas apresentadas por Petrucci, Borsa e Koller (2016), as crianças que recebem dos professores um apoio social e socioemocional correm menos risco de desenvolver estresse emocional e problemas comportamentais, ou seja, a escola não pode se resguardar a atender apenas as demandas escolares. A escola não substitui a família, bem como os professores não substituem os pais no processo de formação da criança, essas instituições “[...] devem caminhar juntas para melhor formar a criança. A escola pode auxiliar também as famílias em suas dificuldades, e o agente desse trabalho é o professor, que exerce dupla tarefa: de educador e formador.” (p.36).

A educação é um direito da criança e para muito além disso, a escola deve prepará-la para vida, levando em conta todas as suas necessidades, como uma espécie de educação compartilhada, ressalta os autores.

1.4. Educação para a morte no ensino infantil.

No processo de educação, as crianças devem ser habilitadas e preparadas para o viver, ou seja, para vida e também para morte, afinal uma não se separa da outra. Contudo, é difícil pensar que se é possível educar alguém para a morte, afinal como comumente falamos “ninguém está preparado para morrer”.

De acordo com Paiva (2011), quando o assunto é a educação para morte, não se trata de habilitar alguém a passar por ela, mas sim, de conviver com ela com naturalidade, como um processo natural que faz parte do nosso ciclo vital, não como

algo amedrontador e terrível, mas como um assunto que a criança precisa ter acesso durante seu desenvolvimento.

Atualmente, existe a preocupação de iniciar as crianças desde muito cedo nos “mistérios da vida”: mecanismo do sexo, concepção, nascimento e de contracepção. Porém se oculta sistematicamente das crianças a morte e os mortos, guardando silêncio diante de suas interrogações, da mesma maneira que se fazia antes quando perguntavam como é que os bebês vinham ao mundo (Maranhão, 1987, p. 10 *apud* Paiva, 2011, p.37).

Para o autor, a omissão da morte para as crianças parte de uma ideia de protegê-las da dor, como dissemos. A verdade é que o silêncio do adulto tem a ver com suas questões, seus medos, suas dores e com o sentimento de impotência perante a irreversibilidade da morte e a angústia de tocar nas próprias experiências.

Os pais não dizem para os filhos que um dia eles podem morrer e que isso pode acontecer a qualquer momento, preferem acreditar na ilusão de que a eles será dado o privilégio da vida e de acompanhar todo o crescimento dos filhos, ressalta o autor. Kovács (2005) conclui que, “[...] essa couraça de força é uma mentira que esconde uma fragilidade interna, a finitude e a vulnerabilidade.” (p.494).

Reforçamos que a dificuldade está no adulto em falar da morte e não na compreensão da criança, quando vemos que os pais não são os únicos a se sentir despreparados. Paiva (2011) afirma:

Do mesmo modo como os profissionais de saúde, os educadores dizem não estar preparados para a tarefa de acolhimento e reflexão sobre a morte, uma vez que tal tema é culturalmente considerado tabu e, conseqüentemente, abolido e ocultado do cotidiano das crianças (bem como dos jovens e adultos), com o falso propósito de protegê-las (p. 38).

Esse despreparo é real em diversos espaços; na escola e na graduação não é discutido a temática da morte. Kovács (2005), uma das principais referências da psicologia da morte no Brasil, criadora e coordenadora do Laboratório de Estudos da Morte (LEM) da USP, tem apresentado ao longo de seus estudos essa deficiência de preparo dos profissionais no processo acadêmico. Isso traz impactos, principalmente, para profissionais da saúde que vão lidar diretamente com a morte e com a dor de quem perde alguém.

Falar de morte é também falar da vida, e devido a sua importância para nosso desenvolvimento, Kovács (2005) defende uma educação para a morte.

Essa educação envolve comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, nas quais reviravoltas podem ocorrer durante a vida, como, por

exemplo, fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte (p.486).

Quando pensamos na educação da criança, é preciso considerar que não é apenas da família o dever de educar, mas se trata de um trabalho em conjunto com a escola. “As fronteiras entre a escola e a família, antes separadas, hoje se confundem. A realidade impôs uma união mais do que necessária entre pais e professores. Educar as novas gerações é função conjunta da família e da escola.” (Paiva, 2011, p.39).

No entanto, existe ainda escolas e educadores que, apesar de reconhecer a importância da educação e do contato da criança com o tema da morte, defende que não cabe a eles trabalhar esse tema, e sim profissionais especializados. De fato, é essencial a interferência e o papel de profissionais como psicólogos, psicopedagogos e terapeutas, principalmente quando se trata de um processo de luto e de um sofrimento já existente, pontua o autor, mas isso não exime o educador de acolher as necessidades do aluno. Não significa fazer psicoterapia com o aluno, mas sim, abordar com leveza um tema que é inerente a vida.

Paiva (2011) aponta que é o professor em contato com aluno que muitas vezes vai notar os sinais de um luto complicado, devido a mudanças no comportamento, que por vezes não são notadas pela família por estarem também envolvidos a dor. Por isso, é importante que a escola e o educador proporcionem ao aluno um ambiente que favoreça a comunicação e a expressão de emoções e sentimentos. A criança passa grande parte de seu tempo na escola, e esse não pode ser apenas um espaço de instrução, mas, também, de acolhimento e apoio para lidar com a morte, seja ela concreta ou simbólica.

É fundamental levar em conta o nível de desenvolvimento cognitivo das crianças para cuidar daquelas que viveram situações de perda e morte. O educador pode ter o papel de cuidador na escola, complementando o da família. Este papel é ainda mais importante quando pais estão abalados pelas perdas vividas e não conseguem cuidar dos filhos. Professores, pela convivência diária com as crianças, têm conhecimento de suas reações e atitudes e podem ser referência para elas neste momento de sofrimento e dor (Kovács, 2012, p.76)

Contudo, os professores, assim como os pais, sentem-se despreparados para falar sobre a morte com as crianças. Embora seja processo natural da vida, os profissionais precisam ser orientados e preparados para educar as crianças para a morte.

Paiva (2011) enfatiza a necessidade do preparo de profissionais da saúde e da educação no suporte ao trabalho da educação da morte, e isso vai muito mais além do que a prática do ensino, “[...] notou-se que, quando o professor se sente à vontade e confortável com o assunto, ele demonstra maior disponibilidade para intervir em situação de acolhimento às crianças enlutadas.” (Paiva, 2011, p.42). Porém, a dificuldade para que isso aconteça na prática está na falta de treinamento, de experiência e de preparo desses profissionais, que antes de lidar com o sofrimento da criança, precisam entrar em contato com seu próprio sofrimento e experiências de perda.

Por isso enfatizamos a importância da educação para a morte na infância tão defendida pelos autores apresentados, pois não se trata apenas de ações em situações de sofrimento e luto, mas de um processo educativo contínuo. A criança precisa que seus espaços educativos sejam ambientes de liberdade e exploração, para que ela possa demonstrar toda sua curiosidade, seu anseio pelo conhecimento e suas indagações.

A ausência de respostas às indagações infantis a respeito da morte (tanto quanto da sexualidade, do nascimento) pode sufocar o movimento exploratório necessário a todo processo de conhecimento e desenvolvimento e, como consequência, prejudicar suas aquisições, quer na tarefa intelectual, quer na afetiva e até na motora. Pode, também, conduzir a distúrbios psicoafetivos, como da fala, anorexia, fobias, tiques, agitação geral muito acentuada, atraso escolar etc. (Prizskulnik, 1992, p.492 *apud* Paiva, 2011, p.40).

1.5. Ferramentas Pedagógicas

A implementação eficaz da educação sobre a vida e a morte implica criar a oportunidade de contato emocional, resgatando o diálogo e desfazendo assim o pacto de silêncio e vergonha existentes em nossa sociedade (Paiva, 2011, p. 41).

Segundo Paiva (2011), o contato e diálogo nas escolas com o tema da morte podem ser feitas a partir do uso das mais diversas ferramentas pedagógicas, entre elas, dinâmicas em grupo com jogos e brincadeiras, o uso de material áudio visual como animações, filmes e vídeos que apresentam o tema em seu enredo, trabalhos manuais com o uso dos mais diversos materiais para expressão das emoções, enfim ferramentas bem conhecidas e já usadas por pedagogos, psicólogos e terapeutas no trabalho com crianças.

Em geral, o trabalho com os alunos parte de atividades extracurriculares com apoio de outros profissionais, porém, esse tema pode sim ser explorado em sala de aula e para isso, gostaríamos de destacar duas importantes ferramentas pedagógicas, a literatura infantil e a biblioterapia.

Paiva (2011), ao conceituar a literatura infantil, cita autores como Coelho (2000) e Cecília Meireles (1979), que definem a literatura como a arte expressa das palavras que nos leva a acessar mundos imaginários e, “dessa maneira diverte, dá prazer, emociona. [...] Ao mesmo tempo ensina modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar. [...] De forma imagística, concretiza o abstrato e o indizível.” (Paiva, 2011, p. 44).

Como concretizar o indizível? Nomear algo que não sabemos o nome? Muitas vezes a dificuldade da criança, que também é do adulto, está em dar nome as suas emoções, sentimentos, sensações e expressar em palavras algo que, às vezes, está preso a uma dor profunda, e quando falamos de morte, perda e saudade, podemos acessar essas dores.

Quando usamos a literatura, é possível proporcionar identificação com as personagens. Essa identificação, a partir do enredo, ajudam as crianças a entrarem em contato com seus próprios recursos.

A literatura (narrativas, histórias, poesia) atua em seus leitores como uma espécie de “ponte” entre sua experiência individual e o mundo de experiências contido no livro, mundo que, ao ser vivenciado pelo leitor, passa a integrar sua particular experiência de vida e oferecer-lhe de maneira subliminar (inconscientemente) ou explícita, não só sugestões de conduta ou de valores (emocionais, éticos, existenciais etc.), mas também um sentido maior para sua vida real (Coelho, 2000a, p. 154 *apud* Paiva, 2011, p.47).

A literatura infantil é uma poderosa ferramenta, essencialmente formadora desse mundo da criança a partir do lúdico e da fantasia, apresentando modelos de comportamento, estimulando o pensamento crítico, agindo como “[...] facilitador nas várias etapas de amadurecimento entre a infância e a vida adulta” (Paiva, 2011, p.48).

Para o autor, a morte é um tema difícil e se torna ainda mais delicado quando a criança está vivendo a perda de uma figura de afeto, pois o apoio também se dá em torno do luto e da dor. Aí está a importância de se acabar com a conspiração do silêncio, continua o autor, pois ele só potencializa as dúvidas e o sofrimento. É preciso reconhecer a dor, ela faz parte do processo de desenvolvimento, ela está na

vida, e não está fora do universo infantil, universo este que não é tão colorido e feliz quanto se pensa. Portanto, não se deve deixar de lado temas pesados e que fazem parte de um universo também da criança, como morte, preconceito e separação...” (Lacerda, 2001, p.25 *apud* Paiva, 2011, p.51).

Pais, professores e educadores podem e devem usar os livros para abordar esses temas difíceis com as crianças e estimular sua fantasia a partir dessas narrativas, propondo desenhos, brincadeiras e pedir para que ela reconte essas histórias do seu próprio modo, proporcionando a criança ferramentas para seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

A literatura infantil também tem uma função humanizadora e terapêutica. Existem vários estudos internacionais que falam sobre a utilização de livros para crianças e adolescentes, tratando da morte, perdas e luto, sob vários aspectos, oferecendo orientação sobre como explicar a morte para as crianças levando-se em consideração as suas concepções sobre o tema. Esboçam um programa de educação para a morte que incorpora o desenvolvimento e os princípios teóricos acerca do processo de luto da criança (Paiva, 2011, p.57).

Nesse contexto gostaríamos de destacar essa função terapêutica dos livros a partir de um instrumento ainda pouco difundido, a biblioterapia. Essa prática existe desde o antigo Egito, onde os livros eram como “remédios para alma”. Nosso objetivo não é discorrer sobre essa ciência, mas sim destacar o poder da literatura. O uso dessa ferramenta não está restrito a psicólogos, pois não se trata de um processo psicoterapêutico e muito menos o substitui, mas é um importante aliado para um trabalho interdisciplinar, podendo ser aplicada, por professores, pedagogos, assistente social, bibliotecários devidamente capacitados e treinados para que a desenvolvam como técnica de aconselhamento. “A biblioterapia não deve ser vista como uma fórmula mágica ou como intervenção única para promoção de mudanças, mas sim como uma ferramenta terapêutica que faz parte de um processo” (Paiva, 2011, p.66).

A biblioterapia potencializa o uso da literatura infantil, pois requer daquele que a utiliza uma seleção criteriosa e cuidadosa dos livros a ser trabalhados. Selecionar bons livros já deve ser uma preocupação pertinente ao professor, principalmente para temáticas como luto e a morte.

Um bom livro é aquele que apresenta em seu enredo uma solução para os problemas e enfrentamento de desafios. Deve-se evitar histórias com vítimas e super-heróis, características estereotipadas, simplistas, soluções fáceis com finais “felizes para sempre”, ou com situações de manipulação

carregadas emocionalmente. Enfim, devem-se evitar livros não realistas, com características que não ofereçam um modelo apropriado (Heath et al., 2005 *apud* Paiva, 2011, p.65).

A biblioterapia e a literatura infantil podem ser usadas com qualquer pessoa, de qualquer idade, nos mais variados contextos, desde crianças não alfabetizadas a idosos. Sabe-se que a morte é certa. Afinal, não é isso que sempre dizemos: – “A morte é a única certeza que temos na vida”. A ciência muda, as terapias mudam, a educação muda, mas a morte é imutável, ela é nossa companheira na vida e, por isso, como os diversos autores apresentados, defendemos a educação para a morte.

a morte como companheira deve ser acolhida e de forma alguma evitada, porque é precisamente ela e mais ninguém quem de fato nos ensina a viver. [...] Paradoxalmente, a imagem do término absoluto da vida terrena é que nos habilita a viver a vida em sua possível plenitude (Gambini, 2005, p. 143 *apud* Paiva, 2011, p. 169).

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico a respeito do tema abordado, dentro da disciplina do Projeto Integrador do curso de psicologia. A partir da revisão da literatura foi proposta uma roda de conversa para docentes e discentes dos cursos de psicologia, pedagogia e profissionais da educação infantil, a fim de apresentarmos a importância da temática e orientarmos a respeito da abordagem no ensino infantil.

A roda de conversa foi realizada de forma on-line devido a pandemia da COVID 19, através da plataforma do Google Meet. A divulgação do evento foi realizada pelas redes sociais (Instagram e Facebook), e nos grupos dos docentes da Faculdade UNIFAMMA.

Os profissionais que participaram dessa roda de conversa foram a Dr^a Lucia Cecilia da Silva, Psicóloga, doutora em Psicologia pela Université Paris-Diderot, com experiência em tanatologia, psico-oncologia e suicidologia. Abordou o tema *Educação para a morte*: A importância da morte no desenvolvimento socioemocional da criança. Participou, também, a Me. Inez Helena Garcia, Biblioterapeuta de desenvolvimento humano, mestre em ciência da informação (UFSC), bibliotecária e professora de biblioterapia no curso de formação em psicologia escolar. Abordou o

tema *Biblioterapia*: falando de morte e luto com as crianças através da literatura infantil. Contamos, ainda, com a presença da Sinhara Garcia, Escritora, palestrante e facilitadora de escrita terapêutica, também é cirurgiã dentista pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Falou sobre sua experiência de *luto familiar*, vivida com seu filho após a morte de seu esposo, que transformou em um livro de contos infantis “*Castelos na Areia: para saber ganhar na ausência* (2019)”.

Considerações Finais

A necessidade urgente e emergente de se abordar a morte no contexto escolar é dificultada muito mais pelo adulto, do que o despreparo da criança para a compreensão desse tema, como muitos acreditam. A morte é um processo de desenvolvimento humano e deve ser tratada com naturalidade e respeito. Falar de morte com as crianças as auxiliam na compreensão da finitude da vida, e mais do que isso, essa vivência com a temática da morte, pode auxiliar tanto o adulto, como mediador, como ao futuro adulto a elaborar suas próprias questões emocionais diante da morte e do luto.

A criança ao longo do seu processo natural de desenvolvimento, faz a seus educadores diversas perguntas pertinentes aos assuntos que vão se descortinando a sua frente, principalmente durante o processo de alfabetização. Os educadores por sua vez, buscam diante dessas questões, a forma mais “delicada” de responder, para que a criança compreenda dentro dos limites do que ela já consiga acessar. Porém, trabalhar essas respostas não é algo fácil, usar de eufemismos como, “está dormindo”, “está descansando”, “foi para o céu”, “foi para um lugar melhor”, pode confundir e perturbar a criança, e isso pode gerar sérios problemas no seu desenvolvimento.

A omissão sobre a morte e o silêncio diante do luto é, em sua maioria, uma tentativa dos agentes educadores em proteger a criança da dor, porém apartar a criança dessa vivência pode causar um sofrimento ainda maior. “Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre, é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar” (Kováks, 1992, p.48).

Conforme vimos, a dificuldade em tratar do assunto vem de fatores sociais, culturais e emocionais, destaca a autora. O docente é o elo mais importante dessa

rede que ampara o desenvolvimento da criança. Esse profissional, por meio das ferramentas pedagógicas, pode educar as crianças sobre a morte, assim como, auxiliar os pais, que muitas vezes só são impactados com a necessidade de falar sobre o assunto quando já estão vivenciando uma perda. “O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais” (Kovács, 2012, p.76).

Nós enquanto estudantes, pesquisadores e profissionais da psicologia, compreendemos cientificamente a importância de todos os processos vivenciados durante o desenvolvimento infantil para a formação do indivíduo e sabemos o quanto situações traumáticas, dolorosas, confusas podem impactar nessa formação. Por isso, o olhar natural para morte é o que justifica o desenvolvimento dessa pesquisa, para aquele que ampara a criança no seu desenvolvimento psicossocial esteja preparado para educá-la a viver a morte e a perda da maneira mais apropriada possível.

Referências

- BRONFENBRENNER, U. (2011). Fortalecendo os sistemas da família. In U. Bronfenbrenner, *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos* (pp. 277-289). Porto Alegre, RS: Artmed. (Original publicado em 2005).
- BRUN, D. (2003) *A relação da criança com a morte: paradoxos de um sofrimento* Psychê, vol. VII, núm. 12, dezembro, 2003, pp. 13-25 Universidade São Marcos São Paulo, Brasil
- COSTA, T. I. C. (2012) *O Luto como o vivemos: Educar para a Perda*. Orientador: Dra. Ana Paula Amaral. Mestrado em Educação para a Saúde – Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra, Portugal.
- DANTAS, C. R. et al. (2020) *O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 23, n. 3, pp. 509-533.
- KOVÁCS, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KOVÁCS, M. J. (2005). *Educação para a morte*. Psicologia Ciência e Profissão, 25 (3), 484-497, São Paulo.
- KOVÁCS, M. J. (2010). *A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores*. Em M. H. P. Franco (Org.), *Formação e rompimento de vínculos: O dilema das perdas na atualidade*, pp. 145-168, São Paulo: Summus.

KOVÁCS, M. J. (2012). *Educadores e a Morte*. Rev. Semestral da Associação Bras. de Psic. Escolar e Educacional. Volume 16, Número 1, pp. 71-81, São Paulo.

PAIVA, L. E. (2011) *A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Aparecida: Editora Ideias & Letras.

PAVONI, A. (1989) *Os Contos e os Mitos no Ensino — Uma abordagem junguiana*. São Paulo: EPU.

PETRUCCI, G. W.; BORSA, J. C.; KOLLER, S. H. (2016) *A Família e a Escola no Desenvolvimento Socioemocional na Infância*. Temas em Psicologia, vol. 24, núm. 2, 2016, pp. 391-402, Ribeirão Preto.

SILVA, F. M. *et al.* (2020) *Compreensão emocional da morte pelas crianças em idade pré-escolar*, Acta Med Port Oct;33(10):649-656